

**Considerações referentes às interações populares realizadas na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina**

**Considerations Concerning Popular Interactions on the Brazilian Border with Paraguay and Argentina**

**Consideraciones sobre las interacciones populares realizadas en la frontera brasileña con Paraguay y Argentina**

Recebido: 29/06/2020 | Revisado: 19/07/2020 | Aceito: 20/07/2020 | Publicado: 02/08/2020

**Maycon Jorge Ulisses Saraiva Farinha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9405-2511>

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

E-mail: [maycondds@hotmail.com](mailto:maycondds@hotmail.com)

**Luciana Virginia Mario Bernardo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7615-0433>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

E-mail: [lucianamario@yahoo.com.br](mailto:lucianamario@yahoo.com.br)

**Mauro Sérgio Almeida de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4521-7444>

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

E-mail: [maurosergio-@hotmail.com](mailto:maurosergio-@hotmail.com)

**Jones Dari Goettert**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8571-279X>

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

E-mail: [jonesdari@ufgd.edu.br](mailto:jonesdari@ufgd.edu.br)

**Resumo**

A fronteira é um objeto de pesquisa, tendo em vista que nela diferentes relações são estabelecidas. Além disso, a fronteira se torna ainda mais interessante por ser possíveis observa-la a partir de diferentes perspectivas, que podem se complementar ou mesmo se contrapor. Desta forma, o objetivo do estudo é apresentar observações e reflexões realizadas a partir da aula de campo no curso de Mestrado e Doutorado em Geografia, ocorrida em Julho de 2019, na tríplice fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina. Para isso, foi elaborado um percurso e um roteiro para as observações em lugares específicos, i- assentamento Pedro

Ramalho, ii- comunidade Maká e iii- comunidade Guarani. A diversidade cultural e a relação de interação entre as etnias foram ser observadas, nos relatos realizados pelos moradores locais, que se dispusera a contar suas histórias. Também se observou a diversidade de características que os espaços de fronteira podem oferecer quando há comportamentos distintos nas relações étnicas desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Povos; Culturas; Convivência; Cotidiano.

### **Abstract**

The frontier is an object of research, considering that different relations are established in it. In addition, the frontier becomes even more interesting because it is possible to observe it from different perspectives, which can complement or even oppose each other. Thus, the objective of the study is to present observations and reflections made from the field class in the Master's and Doctorate in Geography course, which took place in July 2019, on the triple border, Brazil, Paraguay and Argentina. For this, a route and a script for the observations in specific places were elaborated, i- Pedro Ramalho settlement, ii- Maká community and iii- Guarani community. Cultural diversity and the relationship of interaction between ethnic groups were observed in the reports made by local residents, who were willing to tell their stories. It was also observed the diversity of characteristics that frontier spaces can offer when there are different behaviors in the developed ethnic relations.

**Keywords:** Peoples; Cultures; Coexistence; Daily life.

### **Resumen**

La frontera es un objeto de investigación, considerando que en ella se establecen diferentes relaciones. Además, la frontera se vuelve aún más interesante porque es posible observarla desde diferentes perspectivas, que pueden complementarse o incluso oponerse entre sí. Por lo tanto, el objetivo del estudio es presentar observaciones y reflexiones hechas desde la clase de campo en el curso de Maestría y Doctorado en Geografía, que tuvo lugar en julio de 2019, en la triple frontera, Brasil, Paraguay y Argentina. Para ello, se elaboró una ruta y un guión para las observaciones en lugares específicos, i- asentamiento Pedro Ramalho, ii- comunidad Maká y iii- comunidad guaraní. La diversidad cultural y la relación de interacción entre los grupos étnicos se observaron en los informes realizados por los residentes locales, que estaban dispuestos a contar sus historias. También se observó la diversidad de características que los espacios fronterizos pueden ofrecer cuando hay diferentes comportamientos en las relaciones étnicas desarrolladas.

**Palabras clave:** Pueblos; Culturas; Convivencia; Vida cotidiana.

## 1. Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar observações e reflexões realizadas a partir da aula de campo no curso de Mestrado e Doutorado em Geografia, ocorrida em Julho de 2019. Os participantes deste momento de aprendizagem externo a sala de aula, iniciaram o percurso saindo do município de Dourados, Mato Grosso do Sul. Realizaram as primeiras observações no assentamento Pedro Ramalho, criado a pouco mais de três anos, no município de Mundo Novo, no mesmo estado. Este município faz fronteira com Salto Del Guairá, Paraguai, o que proporciona que brasileiros e paraguaios interajam. O percurso deu continuidade na fronteira entre Foz do Iguaçu, estado do Paraná e Ciudad Del Este, Paraguai e finalizou-se em Puerto Iguazú, Argentina. Esta trajetória possibilitou a interação dos alunos com diferentes contextos e categorias geográficas. Optou-se, a partir das observações, serem utilizadas as categorias território e fronteira, para gerar as reflexões referentes às situações vivenciadas. Considerando-se que estas categorias, conforme as percepções dos observadores auxiliam na compreensão do que foi observado.

Desta forma é necessário introduzir, a esta organização textual, como é compreendido os conceitos de território e fronteira. É conhecido que o território é definido por diferentes autores, que podem até mesmo, se oporem em sua compreensão sobre o tema, contudo concordam que a constituição de território está relacionada ao estabelecimento de relações de poder (Saquet, 2010, Haesbaert, 2004 & Raffestin, 1993). O território é um local em que se realizam produções a partir do espaço, para isso é necessário que os indivíduos se apoderem do mesmo, via relações de poder, para caracterizá-lo conforme seus objetivos. Desta forma, o território transcende a questão do espaço físico e a diversidade de recursos naturais existentes. Inclui os recursos utilizados por atores, que delimitam o território conforme suas estratégias (Raffestin, 1993). Ocorre que as relações de poder neste caso, estão atribuídas às práticas cotidianas desenvolvidas, não sendo inserido o Estado como ator principal, assim, as relações remetem-se as pessoas que convivem e interagem no local (Saquet, 2010). Contudo, não se pode esquecer que as ações do Estado são influenciadas pelo poder dos atores que definem o território (Saquet, 2010). Desta forma, o território está atrelado a um sistema sêmico, pois as características do território são comunicadas via linguagem verbal ou pelo uso de símbolos. Esta comunicação é utilizada na relação entre as pessoas e o espaço, de modo, que tendem a

influenciar e controlar aqueles que fazem parte do território (Soares Junior, & Dos Santos, 2018).

Em relação à fronteira, os efeitos da globalização têm dinamizado este território, devido o aumento da comercialização entre os povos. Este processo é realizado, por meio da comunicação entre as pessoas, que favorecem as trocas culturais (De Oliveira, 2015). Contudo, a fronteira não deixou de ter suas características tradicionais, como a delimitação de um território, o limite entre áreas físicas (Pesavento, 2006), entre outras características como ser considerada a linha permanente de tensão entre campos de força (Ancel, 1938), ambígua, contraditória e em constante processo de transformação (De Oliveira, 2015). Assim, as fronteiras não podem ser comparadas a outros lugares do território nacional, são diferenciadas por serem locais com regras e ritos socioculturais específicos (Grimson, 2004). Elas são produzidas socialmente, por meio do dinamismo de suas relações econômicas, políticas, religiosas, culturais entre outras, de forma a serem consideradas multidimensionais, conforme as relações de poder estabelecidas no arranjo territorial (Da Costa, 2012).

As seções a seguir detalham a trajetória realizada na aula de campo, bem como, observações e reflexões realizadas a luz da literatura.

## **2. Metodologia**

A proposta deste estudo foi uma pesquisa exploratória descritiva, ao qual fará uso do estudo de caso, com abordagem qualitativa. Levou-se em consideração os procedimentos apresentados por Yin (2001). O estudo de caso é comumente utilizado para investigações vinculadas as ciências humanas e sociais. Exemplos de investigações que utilizaram esta técnica, Maffini e Cassel (2019), Nascimento e Prates (2020) e Miranda e Domingues (2020). Cabe ressaltar que um caso pode ser um acontecimento ou fenômeno que pode ser estudado a partir desta abordagem (Pereira, Shitsuka, Parreira, & Shitsuka, 2018).

O estudo foi iniciado, no primeiro semestre de 2019, a partir da seleção e organização de bibliografias e literaturas com enfoque geográfico, que tratam sobre a fronteira e as relações existentes na mesma. O intuito desta organização foi utilizar este aporte científico como base para a investigação. Posterior, foi elaborado um percurso de viagem, com saída do município de Dourados – Mato Grosso do Sul e destino a tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina). E um roteiro de investigação, para as observações e diálogos com residentes, em lugares específicos no município de Mundo Novo e na tríplice fronteira, i- assentamento Pedro Ramalho, ii- comunidade Maká e iii- comunidade Guarani, que possibilitou a

investigação da diversidade cultural presente na mesma. A ideia deste roteiro foi identificar o cotidiano dos locais investigados. Para isso, foram feitas observações, dialogado com as comunidades locais e registros fotográficos.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 Novo assentamento em Mundo Novo – Mato Grosso do Sul**

O assentamento Pedro Ramalho é uma ocupação organizada pelo Movimento de Agricultura Familiar – MAF que está vinculado a Frente Nacional de Luta Campo e Cidades – FNL. Sua organização iniciou-se em 2014, ao qual pode ser identificada a composição de duas ocupações que estão localizadas na área urbana do município de Mundo Novo, Mato Grosso do Sul e um acampamento na área rural, na fronteira com Salto Del Guairá. Esta organização do assentamento está relacionada à existência de conflitos entre seus participantes, que resultou na separação do grupo, em 2016 e a ocupação realizada na área rural. A área ocupada no urbano trata-se de uma antiga serraria, que o município tem a posse da terra. E a área rural, trata-se de uma área com vegetação natural, que a partir da ocupação, tem sido modificada, através do desmatamento da área. Como maneira de chamar a atenção para as necessidades do grupo, ao qual, tem surtido algum efeito, tendo em vista os avanços em relação à regularização da posse da terra.

Uma das concepções de Martins (1996) é sobre a Fronteira Aberta que consiste na relação de subordinação, entre aqueles que interagem, de forma a causar, como resultado destas relações a degradação humana, pois os direitos das pessoas subordinadas não são assegurados. A degradação aparece também na relação de negociação desigual na fronteira entre os as forças. A história do deslocamento da fronteira é de destruição, de ataque e violência étnica e social, mas também é de resistência, de revoltas, de protestos, de sonhos e de esperanças no território e na reconstrução do espaço. Criando assim, um contraponto nestes lugares.

Denota-se que a ocupação urbana trata-se de três quarteirões localizados no bairro Coopagril, área considerada central no município. O assentamento está limitado por dois outros bairros, compreendidos como valorizados no mercado de terras local. Os moradores da região não aprovam a existência da ocupação no lugar, rejeitando os residentes da área ocupada. Cabe ressaltar que segundo Rolnik (1999; 2002) as áreas centrais nos municípios são aquelas, que geralmente e independente da qualidade, possui características de

urbanidade, ou seja, são pavimentadas, arborizadas, com infraestrutura completa e próxima ao comércio e a prestação de serviços. Locais em que os moradores são residentes, devido sua disponibilidade em pagar pela existência desta estrutura. Um espaço que geralmente no Brasil é menor, se comparado a outras áreas ao qual, reside a maioria da população e que tem acessos reduzidos às características citadas, contudo o pagamento por esta precária infraestrutura é menor. O incômodo dos moradores pode estar relacionado ao fato exposto acima, considerando-se que a área ocupada enquadra-se na primeira situação exposta. E ainda, ao recordar Singer (1980) observa-se que no Brasil, o espaço urbano é constituído por propriedades privadas, indiferente de sua localização, assim, há duas opções para estar neste contexto, à primeira através da compra e a segunda, por meio do pagamento de aluguel.

O assentamento retrata a realidade local, ou seja, a fronteira, pois é constituído por brasileiros, paraguaios e brasiguaios, este último grupo, migrantes de Japorã, Mato Grosso do Sul. Além disso, problemas de violência existentes nas fronteiras como relatados por Faisting (2018), Nunes (2017) e Rodrigues et al. (2016) como o tráfico e o contrabando, também fazem parte do contexto, em que está inserido este acampamento. Além disso, a sobrevivência dos moradores está relacionada ao trabalho braçal e informal, por meio do pagamento de diárias realizadas no município de Mundo Novo ou Salto Del Guairá. A prestação de serviço relacionada à saúde e educação é realizada pelo município de Mundo Novo, porém, externos ao assentamento. Necessitando o deslocamento da população, principalmente a rural, para a área urbana do município. Há transporte escolar para as crianças que moram no assentamento e estão em idade escolar. O assentamento tem conseguido participar das arenas de disputas políticas, por meio de uma representante eleita como vereadora na última eleição. Ocorre que este fato é considerado significativo, pois as considerações de Salvador (2010) e Fonseca (2013) sobre o delineamento das ações públicas identificam que as arenas de disputa e o poder de barganha dos participantes em relação determinam a destinação dos recursos públicos disponíveis para uso.

Foi percebido no diálogo realizado com os moradores que eles realizam ações coletivas em prol do melhor desenvolvimento do assentamento, de forma que todos possam dar continuidade em residir no local, enquanto aguardam receber a regularização da posse da terra. Para Olson (1999) a compreensão da existência de interesses comuns entre um grupo de pessoas, resulta em uma ação coletiva, através do planejamento e ação coordenada em prol do alcance destes interesses. As motivações para agir coletivamente para Olson (1999) e Brito (2001) podem ter características, i-econômica, ii-social, iii-política, iv-psicológica e v-cultural. Assim, as ações coletivas são realizadas a partir da compreensão de que objetivos

comuns podem ser alcançados, se houver a união entre o grupo de pessoas interessadas em que estes objetivos sejam alcançados. Além disso, os residentes locais relatam que os moradores do assentamento têm experiência em trabalhar com atividades produtivas agropecuárias, este pode ser um indicativo qualitativo, tendo em vista que já conhecem a atividade laboral que pode ser desenvolvida nos lotes do assentamento.

A Figura 1 ilustra alguns registros realizados no assentamento.

**Figura 1:** Registros realizados no assentamento Pedro Ramalho.



1-A, moradia na área urbana, 1-B, demarcação dos barracos/casas área rural, 1-C, ponto de ônibus e 1-D poço de água na área rural.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

A Imagem 1-A retrata uma das moradias localizadas na área urbana do município pode-se notar a ausência de asfalto, denota-se que a região é asfaltada, com exceção a área do assentamento, indicando o abandono dos agentes públicos na área. Em continuação a imagem 1-B retrata a demarcação dos barracos/casas dos moradores do assentamento na área rural. Devido à necessidade, na área rural, e ausência do poder público para a questão, os moradores construíram um ponto de ônibus para abrigar e proteger a população contra o sol quente e altas temperaturas no período do verão e o frio e chuva mais frequente na estação do inverno (1-C). Por fim, também devido a necessidade, um dos moradores furou um poço para ter água potável para o consumo de todas as famílias do assentamento.

### 3.2 Comunidade Maká

A tríplice fronteira formada pelo Brasil, Paraguai e Argentina, é um espaço único devido à questão física de sua localização, representadas por seus atrativos naturais, de rara beleza cênica. Bem como, cultural, pois transborda a origem étnica destes países, realizando o acolhimento de diferentes culturas no mesmo lugar. Desta forma, as particularidades elencadas, possibilita atribuir a esta localização condição sociocultural complexa (Oliveira, 2006). Neste contexto está inserida a comunidade Maká, de origem na região do Chaco Boreal no Paraguai. O grupo migrou ao longo dos anos para diferentes lugares, até que na década de 1970, fixaram residência nesta região, devido à percepção de que a comercialização de seu artesanato seria favorecida, tendo em vista, a atração de turistas para a região, devido à beleza cênica local. O artesanato é produzido por homens (arco e flecha) e mulheres (pulseiras, porta moedas entre outros), conforme o produto. A matéria prima de sua produção vem de *Asunción*, Paraguai. A economia das comunidades indígenas no Paraná, para Parellada (2006) é caracterizada pela produção agropecuária, e a confecção de peças artesanais é uma forma de complementar a renda familiar. Porém, não foi identificado nos diálogos produzidos com a comunidade Maká a questão da produção agropecuária, uma possibilidade de justificativa é a questão deste povo, estar localizado em área urbana do município. Os Maká residem em Foz de Iguaçu, a aproximadamente 7 anos, em uma área doada pelo governo local, de 70m<sup>2</sup>, construída por chineses e taiwaneses, ao qual, convivem aproximadamente 35 famílias, em média de 5 pessoas por família. Nas férias, eles recebem seus familiares, de forma a aumentar o número de pessoas no lugar.

Neste cenário se pode compreender alguns traços das reflexões de Martins (1996) sobre a Fronteira, quando discorre sobre as Frentes Pioneiras e de Expansão. Há uma grande diversidade de atores e de tempos históricos que se tornam visíveis,

o tempo histórico de um camponês dedicado a uma agricultura de excedentes é um. Já o tempo histórico do pequeno agricultor próspero, cuja produção é mediada pelo capital, é outro. E é ainda outro o tempo histórico do grande empresário rural. Como é outro o tempo histórico do índio integrado, mas não assimilado, que vive e se concebe no limite entre o mundo do mito e o mundo da história. Como ainda é inteiramente outro o tempo histórico do pistoleiro que mata índios e camponeses a mando do patrão e grande proprietário de terra: seu tempo é o do poder pessoal da ordem política patrimonial, e não o de uma sociedade moderna, igualitária e democrática que atribui à instituição neutra da justiça a decisão sobre os litígios entre seus membros. A bala de seu tiro não só atravessa o espaço entre ele e a vítima. Atravessa a distância histórica entre seus mundos, que é o que os separa. Estão juntos na complexidade de um tempo



histórico composto pela mediação do capital, que junta sem destruir inteiramente essa diversidade de situações. (Martins, 1996, p. 139).

O local de moradia da comunidade, possibilita a percepção de que os residentes, estão integrados ao modo de vida e o trabalho na cidade, porém, apresentam traços relevantes de resistência cultural e resistência ao poder do Estado. Tendo em vista que Raffestin (1993) considera que o Estado visa a homogeneidade, procura unificar, por todos os meios. O Estado teme as diferenças por isso cria ações para que esta homogeneidade exista. O modo de vida diferenciado da comunidade em nada contribui para o Estado em suas relações de poder, segundo Raffestin (1993), a população é tanto trabalho como recurso, e sendo assim, é parte do recurso de poder. Neste sentido, tal comunidade não se encaixa nos padrões propostos, dificultando a execução de ações de controle sobre a mesma.

A Figura 2 remete-se a fachada desta comunidade e a maneira como produzem artesanato.

**Figura 2:** Comunidade Maká.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

De forma geral, observou-se que o grupo tende a manter suas características culturais, através da aprendizagem da confecção do artesanato, iniciando-se aos 6 anos de idade para as meninas e aos 11 anos para os meninos, em período oposto ao horário de aula na escola, auxiliando a manter, a tradição laboral da comunidade. Eles estudam o idioma de origem até os 14 anos de idade e posterior iniciam a aprendizagem do castelhano. Aqueles que possuem o desejo de casar deve fazer isso com alguém da mesma etnia, caso contrário não podem continuar a residir no local de sua comunidade. Contudo, apresentam interações culturais com o Brasil, por exemplo, tendo em vista que a maioria segue a religião evangélica. O casamento

e a religião podem ser ferramentas importantes de organização da comunidade, Raffestin (1993) afirma que a religião é um fator essencial para a criação de sentimentos nacionalistas, para fixar a identidade de um povo e sua resistência.

A comunidade recebe assistência médica do governo local, uma vez no mês. As crianças estudam em uma escola localizada na comunidade, em salas multianuais, com 25 alunos por turno. Fazem uso, das quatro moedas (real, dólar, peso e guarani) que circulam na região no cotidiano. Possuem trânsito livre na fronteira entre os países, mas identificam o preconceito recebido, principalmente dos descendentes de paraguaios, e boa relação com os brasileiros. Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998) as fronteiras étnicas, no decorrer dos anos, podem apresentar comportamentos distintos em relação à flexibilidade ou rigidez de sua existência. O caso dos Maká é um bom exemplo, tendo em vista que estes possuem relações distintas entre as etnias que compõem a tríplice fronteira.

### **3.3 Os Guaranis de Puerto Iguazú**

Em Puerto Iguazú foi visitado comunidade indígena Yryapú, de descendentes de origem Guarani, o local possui vegetação nativa e está sendo utilizado como espaço para atividades turísticas. Atividades estas intituladas como turismo guarani, pela comunidade (Figura 3-A), realizada via oferta de informações sobre o modo de vida deste povo, considerando suas tradições. O desenvolvimento de atividades turísticas na região pode ser considerado uma atividade tradicional, tendo em vista a beleza cênica da tríplice fronteira. Ocorre ainda, que o turismo é considerado uma importante atividade para o desenvolvimento local ou regional. Pois, contribuem com a geração de empregos (Durham, 2008; Stronza, 2008; Hoefle, 2016). Além disso, a atividade pode auxiliar a reduzir o êxodo rural, por gerar atividades auxiliares que contribuem com o desenvolvimento socioeconômico da propriedade rural e na preservação de elementos culturais das comunidades (Scótolo & Panosso Netto, 2014; Fagundes & Ashton, 2016). E neste viés, de preservação de elementos culturais é que está relacionado às atividades turísticas guaranis.

O roteiro utilizado pelo guia inicia com a abordagem da história de luta deste povo para ter a área que residem na atualidade, e ainda, a necessidade de busca por seus direitos, muitas vezes negligenciados. Cabe recordar as considerações, neste caso, de Martins (1996), sobre a questão das pessoas que vivem nas fronteiras existentes no Brasil, mais importante do que conseguir defini-la é necessário cuidar da situação dessas pessoas nestes lugares, considerando os conflitos sociais. Além disso, o idioma utilizado pelo guia é o espanhol,

contudo, ao mostrar uma vegetação específica ou um elemento de sua cultura como armadilhas para animais, ele os identificou utilizando a língua guarani, proporcionando aprendizagens relacionadas à tradição de seu povo. A língua, de acordo com Raffestin (1993), se configura em um instrumento da identidade cultural de um povo, uma forma de preservar e expressar o poder na comunicação.

O turismo guarani, possui elementos do turismo de natureza, a aldeia possui uma trilha que é percorrida pelos visitantes com o intuito de demonstrar a relação indígena com a natureza. De forma, a demonstrar a natureza como um importante elemento para a formação da identidade do povo guarani (Figura 3).

**Figura 3:** Comunidade Yryapú.



3-A, turismo Guarani, 3-B, elementos não tradicionais indígenas (camisetas para futebol e placa de energia solar), 3-C, escola na comunidade e 3-D, artesanato.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Se pode observar que nesta comunidade tentam preservar as questões culturais mesmo que estejam convivendo em uma realidade de bastante contato com a sociedade não indígena.

Este processo de resistência dos povos guaranis também é uma necessidade de sobrevivência, considerando que estão inseridos em um processo capitalista, precisam adequar-se para sobreviver. A comunidade oferece um ambiente de preservação aos não índios, porém em um valor de moedas correntes validas em seu local de moradia. O compartilhamento do valor arrecadado pelas atividades de turismo na comunidade, entre todos os moradores, demonstra um processo solidário e de resistência ao modelo de acumulação capitalista que, conforme Harvey (2005, p. 63), este modelo busca “estabelecer um conjunto universal de valores” na intenção de originar uma “tendência da penetração das relações sociais capitalistas em todos os aspectos da produção e da troca, e em todo mundo”.

Foi observada a existência de características da cultura branca na comunidade, como pequenos plantios de mandioca, abacaxi, cana de açúcar e vegetais em uma horta, para a subsistência. Além disso, é organizado um campeonato de futebol, há instalação de placas de energia solar custeado por recursos externos a comunidade (Figura 3-B). A comunidade conta também com a existência de uma escola para as crianças (Figura 3-C). Em relação aos recursos arrecadados com o turismo guarani, que tem origem no pagamento da entrada na comunidade e comercialização do artesanato (Figura 3-D), segundo o guia, todo valor arrecadado é partilhado entre as famílias. Decisões coletivas são realizadas entre as famílias, definindo suas necessidades para o uso dos recursos financeiros.

#### **4. Considerações Finais**

Este trabalho trouxe o contexto social ao qual estão inseridos três grupos de pessoas que em comum, possuem o fato de residirem em áreas de fronteiras naturais e insistirem na busca por melhor qualidade de vida. A fronteira sempre foi um desafio. Tendo em vista, sua característica única que influencia a formação do espaço, que combina as diferenças para se constituir, mesmo havendo falta de interações entre os residentes destes lugares. As observações realizadas no decorrer da aula de campo, possibilitou compreender as peculiaridades da fronteira e a necessidade de planejamento de estratégias para o desenvolvimento destes lugares, que precisam contemplar a multiculturalidade existente, incentivando que haja interação entre estas culturas, a partir do respeito às diferenças.

Duas questões chamam a atenção nos espaços visitados, à primeira refere-se ao uso das ações coletivas para superar as necessidades presentes no cotidiano. Mesmo havendo divergências, em todos os casos, houve o relato de momentos coletivos em prol da superação das necessidades do grupo. A segunda questão refere-se ao fato da continuidade das

características culturais, mesmo sendo relatado o uso de costumes não tradicionais, há ações em prol a transmissão de elementos culturais entre as gerações. Ambas as situações auxiliam a delimitar a forma como estas comunidades se organizam e moldam o espaço que habitam. Estas questões apresentadas foram as principais reflexões realizadas neste estudo, ao qual respondem ao objetivo do mesmo.

Estudos futuros podem ser realizados, aprofundando as investigações sobre as ações coletivas nestas comunidades, de maneira a trazer mais informações sobre o assunto.

## Referências

Ancel, J. (1938). *Géographie des Frontières*. Paris: Gallimard.

Brito, C. M. (2001). Towards an institutional theory of the dynamics of industrial networks. *Journal of Business & Industrial Marketing*, 16(3), 150-166.

Costa, G. V. L. (2015). Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. *Mana*, 21(1), 35-63.

Oliveira, T. C. M. (2015). Para além das linhas coloridas ou pontilhadas - reflexão para uma tipologia das relações fronteiriças. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, 11(15), 233-256.

Durham, W. H. The challenge ahead. In: STRONZA, A.; Durham, W. H. (Eds.). (2008). *Ecotourism and conservation in the Americas*. CABI: Wallingford, 265-271.

Fagundes, C., & Ashton, M. S. G. (2016). A Oferta turística em Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil: o potencial criativo como diferencial competitivo. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 8(1), 1-15.

Faisting, A. L. (2018). Representações da Violência na Fronteira: um estudo a partir das regiões da Grande Dourados (MS) e do Oeste Paranaense (PR). *Revista de Ciências Sociais*, 49(3), 131-174.

- Fonseca, F. (2013). Dimensões críticas das políticas públicas. *Cadernos EBAPE.BR*, 11(3), 402-418.
- Grimson, A. (2004). “*Fronteras, naciones y región*”. Fórum Social das Américas, Quito, Equador. Recuperado de [http://www.mujiresdelsur-afm.org.uy/agenda\\_pos/pdf/4a\\_edicao/alejandros\\_grimson\\_esp.pdf](http://www.mujiresdelsur-afm.org.uy/agenda_pos/pdf/4a_edicao/alejandros_grimson_esp.pdf).
- Haesbart, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hoefle, S. W. (2016). Multi-functionality, juxtaposition and conflict in the Central Amazon: Will tourism contribute to rural livelihoods and save the rainforest? *Journal of Rural Studies*, 44, 24-36.
- Harvey, D. (2005). *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.
- Maffini, G., & Cassel, P. A. (2019). Os fatores que levam à interrupção de atendimento psicológico: estudo de caso. *Research, Society and Development*, 9(3), 1-12.
- Martins, J. S. (1996). *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.
- Miranda, G. M. C., & Rodrigues, H. Diagnóstico da feira livre: um estudo de caso em São Domingos do Prata, Brasil. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-20.
- Nascimento, J. C., & Prates, A. C. (2020). A aprendizagem mediada pelo uso de tecnologias digitais na concepção dos docentes: um estudo de caso no curso técnico em edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG/Campus Januária. *Research, Society and Development*, 9(8), 1-22.
- Nunes, M. (2017). Dinâmicas transfronteiriças e o avanço da violência na fronteira sul-mato-grossense. *IPEA*, 16, 31-38.

Olson, M. (1999). *A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1).

Parellada, C. I. (2006). *Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes*. Curitiba: PROVOPAR Ação Social/PR. Recuperado de [http://estagiocewk.pbworks.com/f/LIVRO\\_PROVOPAR\\_Kit\\_Indigena.pdf](http://estagiocewk.pbworks.com/f/LIVRO_PROVOPAR_Kit_Indigena.pdf).

Pesavento, S. J. (2006). Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). *Revista del CESLA*, 8, 9-19.

Poutignat, P., & Streiff-Fenart, J. (1998). *Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.

Rodrigues, M. A., Rodrigues, A. L. C., & Carvalho, L. C. (2016). Trabalho, fronteira e migrantes bolivianos na cidade de Corumbá/MS: uma análise à luz da constituição federal de 1988 e do direito ao pleno exercício da cidadania. *Revista Direito UFMS*, 1(2), 73-85.

Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.

Rolnik, R. (1999). Para além da lei: legislação urbanística e cidadania, 1886-1936, 1999. In: Souza, M. A. A., Lins, S. C., Santos, M. P. C., & Santos, M. C. (Org.). *Metrópole e Globalização-Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora CEDESP.

Rolnik, R. (2002). É possível política urbana contra a exclusão?. *Serviço Social e Sociedade*, 72, 53-61.

Salvador, E. (2010). Fundo público e políticas sociais na crise do capitalismo. *Serviço Social & Sociedade*, 104, 605-631.

Saquet, M. A. (2010). *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.

Scótollo, D., & Panosso Netto, A. (2015). Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. *Revista de Cultura e Turismo*, (1), 36-59.

Singer, P. (1980). O uso do solo urbano na economia capitalista. *Boletim Paulista de Geografia*, 57, 77-92.

Soares Junior, A. Q., & Santos, M. A. (2018). A Territorialidade e o Território na Obra de Robert David Sack. *Geografia (Londrina)*, 27(1), 07-25.

Stronza, A. (2008). The bold agenda of ecotourism. In: Stronza, A., & Durham, W. H. (Eds.). *Ecotourism and conservation in the Americas*. CABI, Wallingford, 3 – 17.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. 2Ed. Porto Alegre: Bookman.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Maycon Jorge Ulisses Saraiva Farinha – 30%

Luciana Virginia Mario Bernardo – 30%

Mauro Sérgio Almeida de Lima – 20%

Jones Dari Goettert – 20%